



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**BEATRIZ HELENA RODRIGUES DA SILVA**

**INTERAÇÃO, BRINCADEIRA E LINGUAGENS: AS  
EXPERIÊNCIAS POSSIBILITADAS ÀS CRIANÇAS EM UM  
ESPAÇO NÃO ESCOLAR.**

**Brasília-DF  
2022**



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**BEATRIZ HELENA RODRIGUES DA SILVA**

**INTERAÇÃO, BRINCADEIRA E LINGUAGENS: AS  
EXPERIÊNCIAS POSSIBILITADAS ÀS CRIANÇAS EM UM  
ESPAÇO NÃO ESCOLAR.**

Trabalho Final de Curso apresentado à Banca Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito parcial e insubstituível para a obtenção do título de Pedagoga pela Universidade de Brasília.

**Orientadora:**

Profa. Dra. Etienne Baldez Louzada Barbosa

**Brasília-DF  
2022**

**INTERAÇÃO, BRINCADEIRA E LINGUAGENS: AS  
EXPERIÊNCIAS POSSIBILITADAS ÀS CRIANÇAS EM UM  
ESPAÇO NÃO ESCOLAR.**

Monografia apresentada à banca examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito parcial e insubstituível para obtenção do título de Graduação do Curso de Pedagogia da Universidade de Brasília.

**Aprovado em**

---

Profa. Dra. Etienne Baldez Louzada Barbosa – MTC/FE/UnB  
Orientador

---

Profa. Dra. Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias - MTC/FE/UnB  
Examinadora

---

Profa. Dra. Viviane Fernandes Faria Pinto - MTC/FE/UnB  
Examinadora

---

Profa. Dra. Fátima Lucília Vidal Rodrigues  
Suplente

Si SILVA , Beatriz Helena Rodrigues Interação, brincadeira e linguagens: As experiências possibilitadas às crianças em um espaço não escolar. / Beatriz Helena Rodrigues SILVA ; orientador Etienne ~~Barbosa~~ Louzada BARBOSA. -- Brasília, 2022. 48 p.

Monografia (Graduação - Pedagogia ) -- Universidade de Brasília, 2022.

1. . I. BARBOSA, Etienne ~~Barbosa~~ Louzada, orient. II. Título.

*Dedico o presente trabalho ao meu pai e a minha mãe, que sempre foram presentes na minha vida escolar, sempre buscando me incentivar e a me mostrarem o melhor caminho, me ensinando que a educação é a maior virtude que temos. Dedico a eles por todas as palavras de apoio e carinho que recebi durante esses anos da graduação, e principalmente, nesse momento que estamos perto do fim de mais uma etapa a ser concluída.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a minha família por todo o apoio ao longo da minha vida e trajetória acadêmica. Em especial a minha mãe que abdicou de suas escolhas pessoais para me oferecer a melhor educação que eu poderia ter e ao meu pai por ter sido tão presente e empenhado em todos os meus anos escolares, jamais esquecerei da sua felicidade ao saber que eu havia passado na Universidade de Brasília, apesar do mérito ser meu, mas sem vocês eu jamais teria conseguido chegar aonde cheguei.

Agradeço a minha Mel, minha cachorrinha, que sempre que eu estava aflita me acalmava com todo seu carinho.

Agradeço a minha chefe, Anna Paula Ramalho, que me incentivou e acreditou no meu potencial dentro do estágio e abriu portas que sou infinitamente grata.

Agradeço as minhas colegas de trabalho que contribuíram para a melhor realização deste trabalho.

A minha amiga, Ana Paula, que fez Pedagogia comigo e fomos alicerces durante todos esses anos, fazendo do dia a dia mais leve e divertido.

Agradeço as minhas professoras, que fizeram parte desse processo, em especial a minha orientadora Etienne, e a minha banca, que foi escolhida com muito carinho por professoras que fizeram parte da minha jornada acadêmica e intelectual.

E, por último, mas não menos importante, agradeço a Deus pela conquista que foi poder estar na UnB, com tantos professores que me inspiram e me fazem querer ser melhor todos os dias.

*“Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela  
tampouco a sociedade muda”*

*Paulo Freire, 2000, p. 67*

## RESUMO

O trabalho tem como objetivo apresentar as relações entre interação, brincadeira e linguagens em espaços não escolares, relacionando a teoria e a prática no dia a dia das crianças. Para isso, foi necessário apresentar sobre o que é uma educação não formal e suas diferenciações em relação ao espaço formal, contudo, são colocados em questão vários pontos de como a educação não formal atua, como ela é vista atualmente e os seus desafios, visto que hoje o pedagogo não tem mais a finalidade apenas de atuar em sala de aula, não necessariamente apenas com crianças, o que é um adendo no texto, pois as Universidades acabam focando muito mais na licenciatura e possibilita muito pouco o conhecimento em outras áreas. A educação não formal possibilita várias áreas de atuação como ONG's, Museus, Clubes, Centros Comunitários, e outros, podendo ser considerada como complementar a educação formal, auxiliando em aprendizagens e habilidades que não são realizadas nas escolas. Para isso, foi utilizado pesquisas bibliográficas e o método de observação que foi realizado em um contraturno escolar de crianças de 6 a 17 anos, para entender como essas relações postas acima se dão no cotidiano.

**Palavras-chave:** Educação não formal. Espaço formal. Interação. Brincadeira. Linguagens.



## ABSTRACT

The work aims to present the relationships between interaction, play and languages in non-school spaces, relating theory and practice in children's daily lives. For this, it was necessary to present about what a non-formal education is and its differentiations in relation to the formal space, however, it is questioned several points of how non-formal education acts, how it is currently seen and its challenges, since today the pedagogue no longer has the purpose only to act in the classroom, not necessarily only with children, which non-formal education enables several areas of activity such as NGOs, Museums, Clubs, Community Centres, and others, and can be considered as complementary to formal education, assisting in learning and skills that are not carried out in schools. For this, bibliographic research and the method of observation that was carried out in a school shift of children from 6 to 17 years old were used to understand how these relationships set out above take place in daily life.

**Keywords:** Non-formal education. Formal space. Interaction. Play. Languages.

### **LISTA DE QUADROS E FIGURAS**

Imagem 1- Laura fazendo aula de Ginástica.....	p. 38
Imagem 2- Laura fazendo a atividade de Teatro em dupla.....	p. 39
Imagem 3- Laura brincando com sua amiga.....	p. 40

### **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLA**

BDM	Biblioteca digital de produção intelectual discente
BNCC	Base Nacional Curricular
DCNs	Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica
ENE	Educação não escolar
FMUSP	Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo
LDB	Lei de Diretrizes e Bases

## SUMÁRIO

<b>MEMORIAL</b> .....	13
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	16
<b>CAPÍTULO 1. A caracterização dos espaços não escolares e suas contribuições.</b> 22	
1.1. Espaços não formais e espaços formais: como caracterizar as suas diferenças.....	27
<b>CAPÍTULO 2. Espaços não escolares: a relação entre interação, brincadeira e linguagens</b> .....	31
vc	
2.1. Percepções entre interação, brincadeira e linguagens em um espaço não escolar.....	35
<b>Considerações Finais</b> .....	42
<b>Referências</b> .....	44
<b>Apêndices</b> .....	47

## MEMORIAL

Meu nome é Beatriz Helena, nasci em Brasília no dia 4 de fevereiro de 2000, tenho 22 anos e eu estou concluindo o meu curso de Pedagogia na Universidade de Brasília. Hoje em dia eu moro apenas com os meus pais, mas quando eu era criança meus dois irmãos mais velhos moravam comigo também e, aproveitando que estamos falando sobre ser criança, posso afirmar que a minha infância foi vivenciada por momentos muito positivos e, com certeza, minha mãe se empenhou muito para isso, visto que passávamos o dia todo juntas até que eu entrasse na escola. Digamos que a minha adaptação a ficar longe da minha mãe e ir para a escola foi um processo longo e difícil, devido a minha constante sensação de medo de estar sozinha, ou seja, eu chorava muito até a professora ligar para a minha mãe ir me buscar e foi assim por alguns longos anos. Eu considero que fui uma criança muito medrosa e nada explicava esse medo, eu tinha sempre que ter meus pais à vista, caso contrário, eu me desesperava e começava a chorar muito.

Aos oito anos de idade, eu tive que fazer um tratamento psicológico recomendado por uma professora do 3º ano para aprender a equilibrar as minhas emoções, pois chegava em um ponto de até mesmo atrapalhar a aula. As vezes era algo repentino e até mesmo as crianças estavam se afastando de mim devido a esse meu comportamento. Foi quase um ano fazendo esse acompanhamento com a psicóloga, e eu lembro que a gente jogava muitos jogos educativos, e foi a partir daí que eu passei a melhorar e a finalmente parar de chorar na escola, porém meus pais nunca me falaram os feedbacks da psicóloga, sendo assim, até hoje não sei o motivo desses choros e medo, apenas sei que passou.

Estudei em escolas públicas, na Asa Norte, durante toda a minha vida e tive sempre professoras e professores maravilhosos, alguns menos empenhados que outros, mas em sua grande maioria foram ótimos. Nunca fui uma criança a dar trabalho na escola ou com as tarefas, apesar de sempre ter tido uma enorme dificuldade em Matemática durante toda a minha vida escolar, mas sempre me empenhei ao menos para passar, e eu sempre me considerei uma criança tímida na escola e hoje percebo que essa timidez não me afeta mais. Sendo assim, alguns detalhes da minha vida me constituíram para ser o que eu sou hoje e são esses mesmos detalhes que me fazem questionar como teria sido se eu tivesse tido algumas experiências diferentes na infância.

Posso considerar que, para mim, os melhores anos na escola foram o 9º ano e o Ensino Médio, pois foi quando fiz amizades fixas e realmente me divertia por estar na escola. Apesar da pressão do Ensino Médio para o vestibular, para as novas etapas da vida, acredito que aproveitei todas as chances que estavam ali postas para mim, como os debates de Sociologia que eu amava, as feiras de ciências que nos trazia uma certa autonomia e até as competições de jogos em Educação Física. Foi no Ensino Médio que eu descobri que realmente eu era da área de humanas e que, com certeza, exatas não era para mim. Hoje, sentimentalmente falando, sinto muita saudade dessa época, pois sei que deveria ter aproveitado muito mais algumas oportunidades, mas mesmo assim, considero esses três anos os melhores da minha vida escolar.

A chegada do 3º ano foi a chegada de decisões, pois eu queria muito fazer Fisioterapia na época, mas também para trabalhar com crianças. Qualquer área que eu escolhesse seria para trabalhar com crianças. Sendo assim, fiz o PAS (Programa de Avaliação Seriada) os três anos e com a nota final do último ano fiquei com medo de arriscar na Fisioterapia, pois a minha nota estava muito próxima a nota de corte e fiquei com receio de depois acabar perdendo a vaga. Ser professora nunca tinha sido uma opção para mim, mas a Pedagogia trazia aquilo que eu sempre quis, que era trabalhar com crianças. Sendo assim, na hora de escolher o curso eu acabei colocando Pedagogia e passei na primeira chamada de 2018. No início, fiquei super chateada, pois quando o resultado saiu, eu vi que dava para eu ter entrado para Fisioterapia com a minha nota e não selecionei com medo de arriscar, em contrapartida, eu estava muito feliz de ter conseguido entrar na UnB e a minha família vibrou muito por mim.

Em março de 2018, iniciou o primeiro semestre e eu estava lá, tentando me encontrar naquele novo universo que é a UnB e eu estava completamente encantada de estar ali e de ter o privilégio de poder estudar em uma das melhores universidades do país. A sensação é única! A Pedagogia foi aos poucos me conquistando e me mostrando que eu não queria fazer outro curso ou fazer a mudança para a Fisioterapia. No segundo semestre, fiz Língua Materna com a professora Paula Cobucci e ela nos levou para atuar em sala de aula. Posso dizer que foi ali que eu me descobri e percebi que eu realmente queria atuar dentro da área de educação. Esse processo foi muito importante para mim, pois foi uma fase de aceitação e eu comecei realmente a ver a Pedagogia com outros olhos e a me interessar mais pela sala de aula.

Em novembro de 2019 comecei a trabalhar na Fashion Teen, um contraturno

escolar que tem como objetivo trabalhar dentro das modalidades algumas habilidades

que as crianças estão com dificuldade de adquirir, como a paciência, concentração, timidez, trabalho em equipe, etc., e durante esses anos trabalhando lá já passei de estagiária para instrutora. Hoje dou aula para as crianças de Gastronomia e observando algumas crianças percebi que, esse espaço não escolar, faz com que as crianças adquiram aprendizados que espaços escolares não trazem. Já tem cerca de um ano e meio que trabalho atuando como instrutora/professora e isso me fez adquirir experiências que no início eu nem imaginava, me fazendo perceber que estou realizada com a profissão que escolhi.

Me coloco como exemplo, para pensarmos na importância desses espaços como forma de interação entre as crianças, pois como citei anteriormente, eu era uma criança muito medrosa e tímida e isso nunca foi trabalhado comigo na escola, porém eu poderia ter aprendido a lidar com essas questões pessoais se eu estivesse trabalhando em conjunto de uma aula de teatro ou uma aula de dança e ter me tornado uma adolescente mais segura na hora de apresentar um trabalho, de trabalhar em equipe. etc. Os professores que atuam em espaços não escolares também são capazes de transformar a vida dessas crianças em algo que elas podem levar para o resto de suas vidas, com experiências positivas, em um processo de desconstrução que nem mesmo elas percebem que está acontecendo, e eu acho isso muito valioso.

Sendo assim, comecei a observar de perto a importância desse trabalho e o quão significativo ele poderia ser na vida das crianças e, particularmente, na minha vida também. Portanto, escolhi aprofundar meus conhecimentos referente a esses espaços não escolares e entender como podemos ajudar essas crianças, que chegam com essa dificuldade de socialização, a passarem a se socializar de forma leve e imperceptível, digamos que de forma natural ao seu crescimento e desenvolvimento pleno

## INTRODUÇÃO

Desde longa data, algumas práticas sociais educativas têm sido voltadas para as crianças e adolescentes de modo que ocupe seu tempo livre com algo produtivo, algo que traga algum ensinamento proveitoso. Sendo assim, os espaços não escolares têm ganhado uma maior visibilidade atualmente, porém ainda há pessoas que não costumam caracterizar esse modelo de ensino e aprendizagem como algo necessário na vida da criança (SEVERO, 2015). Como também afirma Severo (2015), há certa falta de preocupação da unidade acadêmica em trabalhar sobre essa distinção de educação formal e não formal e isso acaba não trazendo um conceito, de fato, mais definido sobre o tema, em contrapartida, é nesses espaços que elas trabalham seu lado criativo com oficinas esportivas, artísticas, musicais e até mesmo artesanais, proporcionando recursos pedagógicos complementares na educação formal. De acordo com Severo (2015):

[...] torna-se mais adequado pensar no sentido da educação não escolar não como uma oposição à escola, mas como uma forma de educação que se identifica por não ser distinta à escolar e que, com relação a esta, pode estabelecer interfaces de colaboração, complementaridade, associação e suporte. (SEVERO, 2015, p. 566).

Em pesquisas mais antigas, como as de Libâneo (1999), Sá (2000) e Gohn (2010), percebe-se uma necessidade por parte dos autores de explicar as diferenças entre educação formal, educação não formal e a educação informal, mostrando que há um conceito muito distinto entre elas e formas totalmente diferentes de ensinar. Portanto, para Gohn (2010), podemos caracterizar a educação formal como aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos, aulas delimitadas. Já a educação não formal é aquela que se aprende na vida, segundo os processos compartilhados de experiências, troca de informações, o cotidiano. A educação informal seria aquela com a qual os indivíduos aprendem durante o processo de socialização gerada pelas relações e relacionamentos intra e extrafamiliares como; amigos, escola, religião, clubes, academia, etc. A educação informal abrange valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados. Sendo assim, pode-se afirmar:

A educação não formal destaca os processos educativos que têm uma intencionalidade na ação, pois prevê troca de conhecimento, envolve um processo interativo de ensino e aprendizagem e corrobora com a construção de aprendizagens de saberes coletivos, que, por sua vez, não têm a formalidade do ensino regular, mas o pedagogo pode e deve atuar como um agente educativo nos diferentes espaços em que ela funciona: Clubes



Centros Comunitários, ONGs, Organização Não-Governamental, Museus, etc. (PIROZZI, 2014, p. 36-37).

Dessa forma, justifica-se a importância desse tema visto que após o isolamento social, devido a Covid 19, as crianças retornaram com muita dificuldade de se socializarem, criarem amizades e, de certa forma, de se inserirem com seus pares. Segundo Polanczyk (2021), a pandemia é responsável por cerca de 36% dos casos de depressão em crianças e adolescentes, e isso automaticamente afeta o desempenho dessas crianças na escola e em sua vida social, sendo assim, prevê que nesses espaços que priorizam esse contato com a interação e a brincadeira, possa auxiliar nesse retorno, não apenas escolar, mas também para um melhor desempenho na vida dessas crianças e adolescentes. Nesse sentido, “importa dizer que grande parte dessas ações educativas emergentes configuram uma ampla e complexa constelação de práticas inscritas fora do espaço escolar e que se estabelecem ao longo de toda a vida dos sujeitos.” (SEVERO, 2015, p. 564).

Isso significa perceber que a criança pode desenvolver habilidades através de atividades que estimulam essa movimentação, de algo que muitas vezes só está preso dentro dela, de uma forma que a escola tradicional muitas vezes não desenvolve, como a timidez, paciência, autonomia, cooperação e até mesmo a autoestima, que, no futuro, poderão ser adultos mais confiantes e preparados para lidar com situações pessoais, profissionais e também emocionais se conduzidas com intencionalidade, assim como afirma Severo (2015) e Pirozzi (2014). Dessa forma, entende-se que a educação não escolar ainda é algo novo, podendo abranger não apenas as práticas pedagógicas, mas também o teatro, a dança, o desenho, a música ou qualquer outra modalidade que dê espaço para a criança socializar, brincar e obter novos aprendizados sobre si própria e sobre o mundo que a cerca.

É possível examinar o sentido da educação não escolar como uma oposição às formalizações propostas na escola formal, sendo assim, nesses espaços não formais, acontece uma educação mais aberta, onde as crianças podem criar, sugerir e estarem inseridos nos projetos de forma mais ativa e não apenas passiva, sendo assim, podendo exercer o seu papel principal que é ser criança, ou melhor, uma criança com o lado criativo mais a florado. No livro “Educação não formal o educador social”, Gohn (2010), continua a abordar a urgência que temos de trabalhar com um conceito mais amplo de educação. Conceito esse que seja expansivo, diferenciado do habitual, conceito que não

estamos acostumados a ouvir. (GOHN, 2010).

Para Gonçalves e Correa (2016, p.196), “[...] o processo educativo tornou-se prioridade não apenas da escola, mas também de outros espaços, tornando a ideia de restringir a atuação do pedagogo somente aos ditos “locais formais” de aprendizagem inoportuna e reducionista.” Dessa forma, não podemos mais reduzir o pedagogo apenas a esses espaços formais, pois entende-se que a sua abordagem e práticas pedagógicas podem ser muito relevantes para aprendizados e evolução de determinado aluno, de acordo com suas necessidades, seja por falta de interação, por desmotivação, por uma introspecção ou até mesmo por uma interação em excesso por parte daquela criança.

Pensando nisso, o presente trabalho tem como escopo a discussão sobre as práticas pedagógicas nos espaços não escolares e, como questão balizadora: como esse espaço, além da escola formal, pode auxiliar a criança em seu desenvolvimento emocional, através de atividades musicais, físicas, artística que desenvolvam habilidades e talentos que, por vezes, já estão no “eu” da criança?

Demarcado o problema, este trabalho tem como objetivo geral identificar as práticas pedagógicas em uma instituição não escolar na relação com interação, brincadeira e linguagens. Ligado a isso, os objetivos específicos deste trabalho são: 1) Compreender as noções de interação, brincadeira e linguagens utilizadas na instituição não escolar. 2) Caracterizar espaço não-escolar por meio de estudos científicos que se voltaram para as práticas nessas instituições. 3) Relacionar as práticas no espaço não escolar com as práticas em espaço formal de educação quando se pensa as interações, brincadeiras e as linguagens.

É importante ressaltar que a problemática deste trabalho não está voltada a desmoralizar o trabalho feito nas escolas formais e sim agregar esse trabalho com práticas pedagógicas colaborativas e demonstrar que os espaços não escolares podem ser positivos na vida das crianças, tratando questões que não são abordadas na escola ou que o são de forma diferente, como uma ação complementar ou integrada. Portanto, será observado ao longo deste trabalho, um espaço privado de contraturno escolar, localizado na Asa Sul, que trabalha com crianças e adolescentes de 7 a 16 anos de idade e como essa relação de interação, brincadeira e linguagens acontecem.

Visto isso, foi adotada a metodologia de pesquisa qualitativa, onde foi utilizada a observação sistemática, recorrente e participante, para obter mais informações e levantamentos concretos sobre as questões aqui colocadas. Marconi e Lakatos (2010) demarcam que os estudos de cunho qualitativo são pesquisas que apresentam como

principal objetivo, interpretar conteúdos profundos, compreendendo a complexidade do

comportamento humano, logo sendo capaz de refletir e repassar essas informações de forma mais concreta e detalhada acerca do que foi investigado.

O método de investigação utilizado foi o bibliográfico, através de coletas de dados de referenciais teóricos que trabalhavam ou trabalham com esse tema e observação contínua. Os dados de referenciais teóricos foram buscados na Biblioteca Digital de Produção Intelectual Discente (BDM), na Scientific Electronic Library Online (SciELO) e no Banco de teses e dissertações da Capes, buscando assim uma melhor compreensão do tema.

A busca foi realizada nesses sites pois através deles é possível ter acesso a antigos trabalhos acadêmicos de Pedagogia da UnB (BDM), encontrar artigos que trabalham com o tema aqui posto de forma que agregue positivamente a pesquisa, com autores e embasamentos teóricos que serão de extrema importância, visando também o agente facilitador que esses sites proporcionam para encontrar trabalhos de forma segura. Portanto, foi usado palavras chaves como: “Educação não escolar”, “Brincadeira e espaço não escolar”, “Pedagogia e espaço não formal” e “Linguagens e educação”. Com essas palavras foram encontradas pesquisas que tratavam da temática e, a partir dos resumos apresentados, foi possível compreender se iria abordar os temas ou não e, com isso, foi possível escolher os artigos.

Os artigos encontrados abordavam bastante a questão do pedagogo em espaços não escolares, assim como sintetiza e sobre práticas pedagógicas realizadas nesses espaços, buscando sempre ressaltar a relevância desses espaços não formais e colocando eles como espaços educacionais, principalmente alguns autores mais antigos, que estão buscando definir o conceito de educação não escolar e os campos que a Pedagogia pode ocupar, deixando bem claro que os pedagogos não são voltados apenas para a área educacional. Os autores explicam bastante sobre a diferença entre espaço formal, não formal e informal, apresentando para o leitor como cada um desses espaços atuam na vida da criança e do adolescente, e também há muito um comparativo entre a relação do espaço formal com o espaço não formal, mostrando que ambos são relevantes e podem ser complementares. Assim como sintetizam os autores: Libaneo (1999), Gohn (2010), Sá (2000), Savero (2015), Pirozzi (2014), Rodrigues (2013), dentre outros.

Foi analisado também textos relacionados a Educação Infantil, para entender como acontece a relação entre as interações, brincadeiras e linguagens entre as crianças e a importância delas no processo evolutivo da mesma, com o intuito de apresentar

como essas relações podem acontecer dentro de um espaço não formal, mesmo que a criança já não esteja mais na Educação Infantil.

O método de observação foi feito no trabalho atual da pesquisadora, sendo um espaço de contraturno escolar, onde são trabalhadas algumas modalidades com as crianças, como desenho, gastronomia, teatro, ginástica, dança, costura e acompanhamento escolar, e cada uma dessas modalidades buscam trabalhar certas habilidades com eles, seja a paciência, coletividade, organização, autoconhecimento, etc. Com isso, foi possível compreender como essas relações de interação, brincadeira e linguagens se estabelecem nesses espaços e se, realmente, através dessas atividades, as crianças conseguem desenvolver o seu lado emocional de forma que consigam levar esses ensinamentos para a sua vida. É claro que entende-se que a comprovação dessa relação direta entre espaço não escolar e escolar na tríade aqui evidenciada (interação, brincadeira e linguagens) ao longo da vida de uma criança só seria possível com uma pesquisa de longa duração. Todavia, o que pretende-se com essa intencionalidade, que é geral, é observar vestígios nas práticas em cada espaço que permita construir uma narrativa de pertinência de integrações entre esses espaços educativos para a criança que os frequenta.

A observação, no atual trabalho, tem como objetivo mostrar como o espaço não escolar contribui de forma positiva e colaborativa na vida da criança, interligando com os teóricos que abordam sobre a temática. Segundo Vianna (2007), a observação é um método importante para se obter informações dentro da pesquisa qualitativa, se mostrando um método muito eficiente, principalmente no meio educacional, visto que busca explicar a problemática central trazendo os resultados necessários através das análises feitas. Com isso, foi enviado um termo de consentimento livre e esclarecido para a instituição, visto que haveria uma certa divulgação do espaço e uma pesquisa sendo realizada.

Foi acompanhada mais de perto uma criança que vem sendo observada na instituição desde que entrou no contraturno escolar e o desenvolvimento do seu comportamento de quando chegou até o atual momento. Ela foi escolhida, em específico, pois desde que chegou demonstrou bastante dificuldade de socialização e realização das atividades, sendo assim, foi necessário a ajuda dos demais professores e professoras do local e da família da mesma. A observação se deu na segunda, quarta e sexta, visto que são os dias que a criança comparece ao espaço para realizar as

atividades, com interação direta da pesquisadora, podendo além de observar, contribuir

~ ~

para o desenvolvimento da criança, principalmente na modalidade na qual a pesquisadora atua, uma vez que lá trabalha.

Para melhor organização das informações, foi anotado pela pesquisadora os caminhos que foram adotados pela criança desde o começo, para uma melhor organização dos dados e para acompanhar a evolução de forma mais concreta, sendo solicitado aos demais professores *feedbacks* e imagens que pudessem contribuir com o atual trabalho, de maneira que comprove o constante desenvolvimento. Após os *feedbacks* dos professores, a pesquisadora também solicitou um retorno da mãe, que se deu pessoalmente dentro do espaço, solicitando a mesma o que ela havia percebido do desenvolvimento da filha, como isso se deu dentro de casa e na escola, e seu foi algo significativo para a educação e no dia a dia da criança, sendo esse retorno destrinchado ao longo do segundo capítulo aqui presente.

Foi adotado na pesquisa um questionário no *Google Forms*, para entender o que alguns professores compreendem sobre educação não escolar e sobre as linguagens utilizadas nas modalidades propostas com as crianças, para assim, ser possível observar como os profissionais de área lidam com a ideia de trabalhar em um ambiente não formal e se entendem as diferenças e as possibilidades que esses ambientes podem proporcionar.

Por conseguinte, este trabalho, em formato de artigo, conta com dois itens. O primeiro intitulado *A caracterização do espaço não escolar e suas contribuições*, que aborda mais amplamente as práticas que ocorrem nesses espaços, visando uma melhor compreensão sobre a sua colaboração, e buscando fazer comparativos com os espaços formais. Já no item dois *Espaços não escolares: a relação entre interação, brincadeira e linguagens*, tem como principal objetivo explicar mais sobre como as atividades podem trabalhar as questões individuais de cada criança, conforme a sua necessidade e os resultados disso, através da observação feita.

## 1. A CARACTERIZAÇÃO DOS ESPAÇOS NÃO ESCOLARES E SUAS CONTRIBUIÇÕES:

O presente item tem como principal objetivo caracterizar esse espaço não escolar, apresentando o que os referenciais teóricos abordam sobre a temática. De certa forma, é importante compreender como as discussões deste espaço estão sendo definidas, visto que é um tema atual, em vista da educação formal. Sendo assim, será relevante entender primeiro o que é o espaço não escolar para depois abordar as suas contribuições para a educação, logo conseguindo compreender as diferenciações dos espaços formais e não formais. Para tanto, alguns autores foram necessários para estabelecer o diálogo de forma mais concreta, tais como: Gohn (2010), Libâneo (1999, 2010), Pirozzi (2014), Sá (2000) e Severo (2015).

Quando falamos de educação não formal, um dos desafios, segundo Gohn (2010), é de fato defini-la, caracterizá-la pelo que ela é e representa. Geralmente ela é definida pela negatividade, por algo que ela não é. A colocação mais usual quando os textos se referem à educação não formal é contrapor essa educação a educação formal. Generalizam que a educação não formal não tem caráter formal nos processos escolares e normatizados pelas instituições titulares, contudo, esquecem que a educação não escolar se diferencia justamente nesse contraponto da normatização. Acredita-se que um dos maiores desafios do pedagogo seja atuar fora do ambiente escolar, pois ainda se tem a visão de que o professor deve atuar apenas em sala de aula, ou seja, a educação formal. Para Libâneo (1999):

É quase unânime entre os estudiosos, hoje, o entendimento de que as práticas educativas estendem-se às mais variadas instâncias da vida social, não se restringindo, portanto, à escola e muito menos à docência, embora estas devam ser a referência da formação do pedagogo escolar. Sendo assim, o campo de atuação do profissional formado em pedagogia é tão vasto quanto são as práticas educativas na sociedade. Em todo lugar onde houver uma prática educativa com caráter de intencionalidade, há aí uma pedagogia. (LIBÂNEO, 1999, p. 116).

Para o pesquisador Trilha (1996, 2008), a educação não formal lida diretamente com outra lógica da qual não estamos acostumados a lidar, pois ela se estabelece justamente pelo fato de não ter um currículo definido *a priori*, quer seja de conteúdos, temas ou habilidades a serem trabalhados. (GOHN, 2010, p. 22).

A concepção, segundo Gohn (2010), para a definição de educação não formal, está ligada ao sinônimo de educação extraescolar, pelo fato de que ela ocorre fora de unidades de redes escolares. Essa estrutura que a define, simplesmente reconhece que há um processo educativo que extrapola os muros escolares, sem diferenciá-la de fato, demarcando seu campo e sua especificidade. Ela não se destaca por ser boa, porque demarca uma barreira que separa os dois processos educativos pelos seus muros ou fatores geográficos, espaciais, estruturais e de pessoal, excluindo assim a possibilidade de se comunicar e ao mesmo tempo articular com meio que está inserido.

Um outro contraponto de grande interesse para explicar a educação não formal pode partir, segundo Sá (2000), pela ótica do trabalho como princípio educativo para a compreensão pedagógica dos processos educativos não-escolares. O autor explica que se faz necessário compreender as especificidades da história, o discurso, a cultura e as mediações que constituem o trabalho educativo não-escolar e as suas relações que os permeiam e o desenvolvem com a sociedade civil. (SÁ, 2000, p. 176).

Segundo Sá (2000), ainda sobre essa dimensão não-escolar, é importante buscar caracterizar a dimensão pedagógica e compreender suas possibilidades de educação para a cidadania, para a melhoria de vida da comunidade que estão inseridos, pois isso é vislumbrar instituições sociais na construção de um processo que vai além do discurso de hegemonização do solidário e transformador.

Aprender a Dimensão Pedagógica do trabalho educativo não-escolar no âmbito das relações contraditórias da sociedade contemporânea é entender as possibilidades históricas de transformação social através do trabalho de elevação cultural e moral dos sujeitos históricos, partindo do pensamento gramsciano, tomar o núcleo do bom senso existente no senso comum e, à luz da natureza de cada espaço de trabalho educativo não-escolar, trabalhar para que as pessoas de uma determinada comunidade atendida ou participante daquela instituição ampliem suas possibilidades de atuarem como cidadãos engajados na construção de uma nova hegemonia social. ( SÁ, 2000, p. 177).

E para compreender, portanto, o que é a educação não formal, Gohn (2010) explica que é processo sociopolítico, cultural e pedagógico de formação para a cidadania, entendendo que o político deve vir como formação do indivíduo para interagir com o outro e com a sociedade. A educação não formal se designa por um conjunto de práticas, ações, saberes, organizações, instituições, atividades, meios, formas, programas, ideias, projetos sociais, tecnologia que a compõem.

Após analisar os conceitos acerca da educação não formal, entende-se que os espaços não escolares trabalham com atividades extraescolar. Isso significa que o espaço pode escolher com o que deseja trabalhar, tem espaços que trabalham apenas atividades físicas, outros que trabalham atividades musicais, outros que trabalham diversos modelos de atividades como costura, desenho, gastronomia e tendo uma variedade infinita de atividades que possam ser feitas com esse intuito complementar a educação formal, visto que as escolas que não são integrais, não conseguem oferecer outras opções que não constam no currículo.

Foi realizada uma pequena pesquisa pelo *Google Forms* com os(as) profissionais que trabalham no mesmo espaço que a pesquisadora, para entender melhor quais linguagens utilizadas nesses espaços e o que entendem sobre o que é um espaço não escolar, através da seguinte pergunta: o que você entende por educação não escolar?

Quadro 1: Educação não escolar.

<b>Entrevistado 1</b>	<b>Entrevistado 2</b>	<b>Entrevistado 3</b>
Atividades que complementem o trabalho escolar. Como: musicalização, desenvolvimento corporal e ludicidade.	Eu entendo que é um espaço mais criativo que impulsiona o crescimento intelectual e pessoal das crianças. Na educação não escolar, conseguimos lidar com diversas situações que muitas vezes passam despercebidas na escola regular, como timidez, medo de errar, ansiedade, etc. Nos espaços não escolares temos uma maior abertura para conversar com as crianças, entender o que elas estão passando e ajudá-las a enfrentarem as situações que vivem cotidianamente.	Compreendo que uma educação não escolar, é uma educação que se diferencia do método tradicional, onde busca a aprendizagem através da vivência das crianças com suas próprias experiências.

Fonte: Google Forms, 01, agosto, 2022

Por suas falas, pode-se perceber que todos entendem que o processo educativo ocorre de forma diferente das escolas regulares, ressaltando a importância e experiências possibilitadas as crianças em um espaço não escolar. Assim como salienta, Mársico (2011), durante a infância há um período de percepções sobre o que está a nossa volta, visto que a criança é influenciada pelo o que acontece a seu redor, e com



isso, a música ou a musicalização com as crianças faz com que elas aprendam uma

linguagem que expressa sensações e sentimentos e também comunica com aquele público específico. De acordo com Rosa (1990), uma atividade como cantar uma música, proporciona a criança diversos aprendizados importantes, como por exemplo, as partes do corpo humano, a higienização, os animais, etc. Portanto, a musicalização, segundo Rosa (1990), é importante para as crianças, pois desperta a socialização, o lúdico, a capacidade de expressão, novos conhecimentos e a percepção sonora.

Logo, a seguinte pergunta realizada foi: como docente em espaços não escolares, que linguagens utiliza com as crianças?

Quadro 2: O docente em espaços não escolares.

<b>Entrevistado 1</b>	<b>Entrevistado 2</b>	<b>Entrevistado 3</b>
Linguagem corporal, musical e apresentações de dança.	Eu tento utilizar linguagem corporal sempre. Gosto de fazer exercícios que eles trabalham os sentidos, como: andar com os olhos fechados enquanto outra criança guia o caminho ajudando a que está sem ver. Pique espelho, é igual ao pique cola, mas quando alguém é colado precisa fazer uma pose estátua e só pode ser descolado se alguém imitar a sua estátua, etc.	É importante compreender que nessa educação, o professor está no mesmo patamar do aluno, é como se fosse uma via de mão dupla, tanto o aluno aprende como professor, quanto o professor com o aluno.

Fonte: Google Forms, 01, agosto, 2022.

Analisando as respostas, é possível observar que os professores trabalham com atividades lúdicas dentro de suas modalidades para trabalharem aquilo que precisam, como a questão da coreografia, da memorização e dos sentidos, assim como a última resposta acredita que esses ambientes o professor aprende em conjunto da criança, fazendo com que elas criem relações positivas com seus colegas e professores, sem haver um patamar de autoridade dentro da sala. Sendo assim, é possível constatar que em espaços não escolares, assim como afirma Gonçalves e Correa (2016), é necessária a atuação profissional pedagógica, pois há uma preocupação quanto a educação das crianças para além dos muros das escolas e a formação humana, buscando novas formas de ensino e aprendizagem. É interessante buscar espaços que tenham interesses

educativos e optar por atividades que vão, de fato, colaborar com a necessidade que

~ ~

precisa ser trabalhada na criança ou adolescente. Seguindo a linha de pensamento de Severo (2015), a educação não formal representa ações de acordo com a necessidade contextual do sujeito, entendendo que através de sua cultura e experiências o mesmo é capaz de criar atitudes criativas, críticas e usar da sua base para uma maior construção de saberes.

Dessa forma, é possível pensar que a atuação do pedagogo nesses espaços não escolares pode contribuir para o maior conhecimento do mesmo e adquirir práticas e técnicas que, se forem agregados a outras modalidades ou profissionais de outra área, pode ser de extrema importância para o desenvolvimento da aprendizagem das crianças. A educação não formal tem uma certa liberdade nos seus métodos de ensino e também para aprendizagem, sendo assim, através desse meio mais aberto e amplo, fica mais fácil de conseguir atender as necessidades individuais de cada criança.

## 1.1 ESPAÇOS NÃO FORMAIS E ESPAÇOS FORMAIS: COMO CARACTERIZAR AS SUAS DIFERENÇAS.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB nº 9.394/96 - e o Plano Nacional de Educação (PNE, 2014-2024) mostram que as políticas públicas do Brasil dentro do campo educacional consideram mudanças significativas aos profissionais da área de educação, visto que no capítulo I artigo 1º, que se refere à Educação, diz que o pedagogo atua ativamente no processo formação familiar, na convivência humana, nos movimentos sociais, nas instituições, no trabalho e nas organizações da sociedade civil. Neste sentido, Libâneo (2010) afirma:

No campo da ação pedagógica extra-escolar distinguem-se profissionais que exercem sistematicamente atividades pedagógicas e os que ocupam apenas parte de seu tempo nestas atividades: a) formadores, animadores, instrutores, que desenvolvem atividades pedagógicas (não escolares) em órgãos públicos, privados e públicos não-estatais, ligadas a empresas, a cultura, aos serviços de saúde, alimentação, promoção social etc.; b) formadores ocasionais que ocupam parte de seu tempo em atividades pedagógicas em órgãos públicos estatais e não estatais e empresas referentes a transmissão de saberes e técnicas ligados a outra atividade profissional especializada. (LIBÂNEO, 2010, p. 59).

De acordo com Rodrigues (2013), a educação não formal não se submete a nenhuma regulamentação de órgãos educacionais, porém, mesmo não havendo essa regulamentação, entende-se que há um processo e atividades educativas acontecendo naquele espaço, de maneira organizada e sistemática. A autora também afirma que a educação não formal possui um perfil multidisciplinar, possibilitando novas ferramentas para os interessados naquele modelo educacional e desconstruindo, de alguma forma, o modelo tradicional de educação.

A educação não formal, como visto anteriormente, pode ser definida por aquela que ocorre diferente do sistema tradicional de ensino, porém, há uma intencionalidade em suas ações, de acordo com a necessidade daquela criança. Sendo assim, como pontua Gohn (2010), a educação não escolar é considerada um processo de ensino e aprendizagem social, é através desses espaços que as crianças aprendem no cotidiano, pois é um espaço focado no sujeito, onde desenvolve atividades fora do ambiente escolar ou educação formal, podendo ser realizada em espaços que tenham uma dinâmica diferente da escola tradicional, mas que utilize de ferramentas didáticas para atrair a criança. Como afirma Pirozzi (2014), todo processo educativo, fora dos muros escolares, que possui intencionalidade na ação, corresponde a uma educação não formal.

Seguindo a linha de pensamento de Pirozzi (2014), os caminhos de aprendizagem da educação não formal podem ser considerados livres, optando por aquilo que o espaço deseja realizar com as crianças e através dessas atividades desenvolvem habilidades e competências que acontecem de forma prática, podendo ser realizadas por meio de atividades lúdicas, havendo troca de conhecimento e criando um processo interativo que colabora com a construção de aprendizagens e saberes coletivos, sem ter um currículo *a priori* como na educação formal, podendo o pedagogo atuar como agente educativo em diferentes espaços que promovam a educação como ONGs, Clubes, Centros Comunitários, Museus, etc.

Deste modo, é importante refletir que a forma como os conteúdos são passados para as crianças ocorre de forma diferente, possibilitando o desenvolvimento de habilidades que complementam o currículo escolar, como por exemplo, a coordenação motora ampla e fina, a capacidade de criação, autonomia, socialização, perseverança, inclusão e liderança, através de atividades como a dança, costura, desenho, música, gastronomia, teatro, etc. Ligada a essas habilidades, as crianças adquirem competências que são necessárias para a vida cotidiana, dando a eles capacidade para lidar com problemas simples do dia a dia, como aprender a lidar com suas frustrações, como aprender com elas, o que pode ser feito para mudar essa situação ou até mesmo para lidar com a extrema euforia, a raiva e a chateação, algo que quase não é abordado em uma escola formal. Essa reflexão se deu por meio das leituras realizadas pelos autores Severo (2015), Pirozzi (2014) e Gohn (2010).

A educação formal, segundo Gohn (2010), é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos e aulas delimitadas. Sendo assim, a educação formal é estabelecida como uma educação padrão e obrigatória, sendo acompanhado de um currículo que é a Base Nacional Curricular (BNCC), sendo ele um documento que define a progressão de aprendizagens necessárias que devem ser desenvolvidas com os alunos ao longo da Educação Básica. Portanto, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases (BRASIL, 1996), a BNCC é uma base que pode orientar os currículos das redes de ensino das Unidades Federativas, assim como pode auxiliar nas propostas pedagógicas das escolas públicas e privadas da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, com caráter nacional.

A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) sugere competências, habilidade e aprendizagens essenciais que os alunos podem desenvolver durante todos

os anos da Educação Básica, podendo ser conduzida de acordo com a realidade da

..

escola e das crianças que estão frequentando, com isso, a BNCC é uma base que pode auxiliar questões a serem trabalhadas dentro das instituições de ensino de todo o Brasil, de forma que seja coerente e positivo para todos. Sendo assim, entende-se então que diferentemente da educação não formal, a educação formal tem uma base que norteia as habilidades e competências que podem ser trabalhadas, sendo uma base comum onde o intuito é instruir os caminhos que podem ser seguidos. (BRASIL, 2018).

Assim como na educação não formal, a educação escolar segue competências que possuem o mesmo objetivo dos alunos: se desenvolverem para atuar como protagonistas na resolução das demandas diárias, sendo essas competências estabelecidas pela BNCC as seguintes: conhecimento, pensamento científico, crítico e criativo, repertório cultural, comunicação, cultura digital, trabalho e projeto de vida, argumentação, autoconhecimento e autocuidado, empatia e cooperação, responsabilidade e cidadania (BRASIL, 2018). Isso afirma mais uma vez o que foi dito anteriormente por Severo (2015), que a educação não escolar pode ser colaborativa e complementar a educação formal, visto que algumas das competências são bem parecidas, o que as distingue, de fato, é que no espaço não formal não há uma obrigatoriedade estabelecida, como se fosse uma regra, e no espaço formal essas competências precisam ser seguidas e apresentadas com resultados finais.

Após a integralização das escolas se tornar uma realidade nas nossas escolas brasileiras, a BNCC destaca o compromisso com o desenvolvimento pleno do aluno, sendo trabalhado em seu horário oposto às aulas atividades complementares à educação. Sendo assim, a BNCC retoma as orientações que constam na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996 e nas Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Básica (DCNs), propondo uma visão de educação integral que promova não apenas a educação intelectual, mas também a educação emocional, buscando tirar a ideia de que o desenvolvimento intelectual é o mais importante na vida escolar da criança.

Sendo assim, as dez competências que regem a BNCC, que foram citadas anteriormente, integram não apenas aspectos cognitivos, mas também socioemocionais, sendo eles: criatividade, pensamento crítico e científico, comunicação, empatia e autoconhecimento. Com isso, foram criadas cinco macrocompetências e dezessete competências para auxiliar o desenvolvimento socioemocional dos alunos de forma mais concreta, sendo elas: determinação, foco, persistência, organização, autoconfiança, responsabilidade, empatia, respeito, confiança, tolerância ao estresse e a frustração,

iniciativa social, assertividade, curiosidade para aprender, entusiasmo, imaginação criativa e interesse artístico. (BRASIL, 2018)

Analisadas as competências socioemocionais colocadas pela BNCC, considera-se que o desenvolvimento socioemocional foi visto como algo relativo dentro da educação e que não pode mais constar em uma parte isolada do currículo, pois são através dessas competências que as escolas irão proporcionar vivências e experiências aos seus alunos, podendo ser realizada em período integral da escola em diversas dimensões, como intelectual, física, afetiva, ética, moral e social.

Com isso, entende-se que os processos formais e não formais são bastante diferenciados e específicos. Porém, de acordo com Severo (2015), não se justifica essa diferenciação dos formatos educacionais nem pelo critério metodológico e nem pelo critério estrutural, sendo esse definido pela localização e estrutura do local. Logo, é possível refletir que o que difere ambos são as exigências administrativas do sistema de ensino.

## **2. ESPAÇOS NÃO ESCOLARES: A RELAÇÃO ENTRE INTERAÇÃO, BRINCADEIRA E LINGUAGENS.**

Este item tem como objetivo apresentar as relações entre interação, brincadeira e linguagens na educação em um contexto geral, de forma que seja possível analisar junto com a observação feita no espaço não formal a evolução das crianças em espaços não escolares, através das modalidades e atividades propostas, e com isso também alcançar a sua importância dentro do contexto educacional, visando abranger que essas questões não são importantes apenas na Educação Infantil, mas também em outros contextos.

No Currículo em Movimento do Distrito Federal – Educação Infantil (DF, 2018), tem o tópico que aborda sobre o brincar e interagir, onde fica descrito que a criança irá interagir com pares da mesma faixa etária, crianças mais velhas, pais, professores etc., o que vai contribuir para o seu desenvolvimento. É evidenciado que “as interações, no espaço da Educação Infantil, constituem-se como possibilidades de ouvir o outro, conversar e trocar experiências, aprender coletiva e colaborativamente”. (DF, 2018, p. 14). Aqui é apresentada a BNCC na Educação Infantil, como um parâmetro do que deveria ser utilizado na instituição formal de educação, mas também como parâmetro para se pensar o espaço não formal, visto que a lei brasileira entende que o brincar é algo essencial na vida da criança.

O brincar é uma ação de extrema importância para a vida da criança; elas levam realmente a brincadeira a sério. Para Vygotsky (2007), o brincar liberta a criança de situações do mundo real e cria um espaço para a imaginação. Visto isso, o Currículo em Movimento do Distrito Federal – Educação Infantil (DF, 2018) preza pelo brincar e interagir na primeira etapa da educação básica, pois esses são processos que são importantes no desenvolvimento da criança e que não podem ser pausados ou deixados de lado, com isso, pode-se afirmar que “A brincadeira, como prática educativa, possibilita que as interações entre as crianças e seus pares e entre elas e os adultos se constituam como um instrumento de promoção da imaginação, da experimentação e da descoberta.” (BRASIL, 2018, p. 17).

Segundo Cordazzo e Vieira (2007), a brincadeira não deve ser vista apenas como passatempo ou diversão, pois é através da brincadeira que a criança, mesmo sem intencionalidade, estimula o seu desenvolvimento individual e social. Posto isso, os

autores explicam que e através dos jogos sensoriais, dos exercícios e atividades físicas

que a brincadeira proporciona que a criança desenvolva aspectos ligados a habilidade motoras, percepções, força, peso, etc.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), “brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais” (BRASIL, 2017, p. 36). Visto isso, é possível afirmar que a criança se desenvolve através das interações que estabelece com o mundo que os cerca, sendo a brincadeira uma atividade social e fundamental que garante a construção de conhecimento da realidade pelas crianças, assim como afirma o Art. 4º da Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil: criança como:

Sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2010, p. 12).

Percebe-se que há uma preocupação no Currículo em Movimento quanto a Educação Infantil em relação ao brincar, visto que a brincadeira é um elemento fundamental para a aprendizagem e desenvolvimento da criança. Porém, nessa transição para o Ensino Fundamental, principalmente nos anos iniciais, há uma maior preocupação quanto ao aprendizado formal das disciplinas, pois, de acordo com a LDB nº 9.394/96, o maior foco nesse período são os alunos desenvolvendo o domínio pleno da leitura, do cálculo, das artes, das tecnologias, do sistema político, aprendendo a resolver problemas e, assim, tornando-se protagonistas da sua própria aprendizagem.

As crianças podem brincar tanto coletivamente quanto individualmente e através das brincadeiras as crianças ressignificam as ações que elas vivenciam. Para as crianças, a brincadeira é algo a ser levado a sério, pois elas usam disso, “para provar a vida de modo intenso” (GOBBI, 2010, p. 1). Sendo assim, elas usam da sua alegria, dos seus medos, confrontos, dúvidas, desejos etc., para conseguirem executar o ato de brincar. É preciso deixar que as crianças explorem seus espaços, para que elas possam argumentar, criar, interagir, questionar e até mesmo criticar, para que elas possam desenvolver o relacionamento com os outros, o meio social e cultural. (GOBBI, 2010).



De acordo com Gobbi (2010), a criança se expressa de várias maneiras, principalmente pela linguagem expressa pela cultura a qual está inserida e, dentro da linguagem, há muitas representações, como a fala, o choro, movimentos, sons, pinturas etc., mas que, às vezes, essas manifestações são enfraquecidas pois não são desenvolvidas. Por isso, a creche ou as pré-escolas, assim como as famílias, têm que criar recursos aos quais as crianças possam se manifestar e serem compreendidas. Quando Gobbi (2010) fala sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), ela discorre que as práticas pedagógicas que estão no currículo devem reconhecer as diversas linguagens das crianças e levar em consideração as suas diferenças; para isso deve sempre ter convivências com outras crianças e grupos culturais. (GOBBI, 2010).

O intuito de trazer a DCNEI para essa discussão, é com o objetivo de mostrar que algumas práticas pedagógicas que são utilizadas em espaços formais de educação, podem ser utilizadas também dentro do espaço não formal e vice-versa visto que, em diversos momentos aqui já citados, dentro da instituição não formal, há esse olhar mais específico para o aluno, onde a ludicidade está muito presente e, atrelada à fala da Gobbi, é possível pensar um novo parâmetro para lidar com as crianças nesses espaços.

Seguindo a linha de pensamento de Gobbi (2010), percebe-se que a brincadeira faz com que as interações e linguagens aconteçam de forma natural, sendo assim, é através das brincadeiras que as crianças passam a interagir e se comunicar umas com as outras, pois: “enquanto brinca, o aluno amplia sua capacidade corporal, sua consciência do outro, a percepção de si mesmo como um ser social, a percepção do espaço que o cerca e de como pode explorá-lo” (SMOLE; DINIZ; CÂNDIDO, 2000, p. 13). Com isso, é possível entender que é através desses momentos do brincar que irão surgir situações desafiadoras as quais as crianças terão que enfrentar, superar, analisar as suas possibilidades e, assim, se desenvolvendo.

Assim como afirmam as autoras Smole, Diniz e Cândido (2000), por vezes, as crianças não conseguem expressar todos os seus desejos e sentimentos com a comunicação utilizada por nós, de forma clara e objetiva, sendo assim, mesmo não havendo essa troca por parte da mesma, é possível observar através de seus movimentos e linguagens corporais o que ela deseja expressar. Para Giustia (2013) e Queiroz (2008), a interação que a criança cria com o seu meio e suas experiências vivenciadas, somadas as suas individualidades pessoais, é um fator fundamental para que ela

construa seus próprios conhecimentos e valores.

22

A nossa legislação entende que o brincar é um direito da criança, pois compreende-se que é através do interagir e do brincar que as crianças conseguem explorar sua imaginação, criatividade e suas experiências, portanto, asseguram esses direitos em documentos como a Constituição Federal (BRASIL, 1988), Lei de Diretrizes e Bases (LDB nº 9394/96) e também na Base Nacional Curricular (BRASIL, 2018). Com isso, na BNCC é possível ler o reforço de que:

A Educação Infantil precisa promover experiências nas quais as crianças possam fazer observações, manipular objetos, investigar e explorar seu entorno, levantar hipóteses e consultar fontes de informações para buscar respostas às suas curiosidades e indagações. Assim, a instituição escolar está criando oportunidades para que as crianças ampliem seus conhecimentos do mundo físico e sociocultural e possam utilizá-los em seu cotidiano. (BRASIL, 2017, p. 41).

De acordo com Altino Filho (2010), o brincar é uma atividade indispensável no cotidiano da Educação Infantil, pois é por meio das brincadeiras que as crianças compreendem o meio social, desenvolvem habilidades, exploram suas fantasias e emoções, se tornando algo essencial dentro da rotina da criança, entendendo que ela não brincará apenas na escola, mas também em outros meios, desenvolvendo sua criatividade, estabelecendo interações e traçando suas linguagens.

Cordazzo e Vieira (2007), afirmam que a brincadeira é uma fonte rica de comunicação, pois mesmo que a criança brinque sozinha, através do faz de conta, ela consegue imaginar que está conversando e interagindo com alguém ou até mesmo com seus próprios brinquedos, portanto, a linguagem também é desenvolvida, a pronúncia de palavras e frases e a ampliação do seu vocabulário.

Para Bjorklund e Pellegrini (2000), quando a criança brinca, ela não está apenas testando diferentes estratégias para as suas brincadeiras, mas também para a vida adulta, pois ao lidar com situações diferentes em seus momentos de brincadeira ela estaria, sem intencionalidade, criando soluções e formas de interação que poderão auxiliar em sua vida adulta. (CORTAZZO; VIEIRA, 2007).

## **2.1 PERCEPÇÕES ENTRE INTERAÇÃO, BRINCADEIRA E LINGUAGENS EM UM ESPAÇO NÃO ESCOLAR.**

Segundo Paulo Freire (1996), educar é criar as possibilidades para a própria construção de conhecimento. Visto isso, a educação formal é importante como um todo, mas não é o único ambiente que proporciona um processo de formação; com isso, não é possível desvincular com situações que ocorrem fora da escola e no ambiente familiar que essa criança ou adolescente se encontra. De acordo com Pirozzi (2014), a educação não formal organiza o seu processo de ensino e aprendizagem de forma diferente das escolas tradicionais, sem seguir requisitos formais, podendo ser realizado em qualquer ambiente, desde que a sua dinâmica seja diferente das aulas expositivas, tenha didática diversificada e atrativa para o público que deseja alcançar e não utilizando da memorização para aprendizado, visto que grande parte das atividades são práticas.

Para a melhor compreensão dessas afirmações, esta pesquisa toma como campo de observação o ambiente de trabalho da pesquisadora, em uma instituição não escolar, que é um contraturno para crianças e adolescentes de 7 a 16 anos. Chamado de Fashion Teen, o espaço é localizado na Asa Sul e tem propostas como aula de gastronomia, teatro, dança, ginástica, desenho, costura e acompanhamento escolar. Com isso, a proposta desta instituição, de acordo com a idealizadora do espaço é desenvolver habilidades socioemocionais, através de atividades ligadas à criatividade, inovação, autoestima e autoconfiança, tendo como principal objetivo auxiliar na formação de um futuro jovem autônomo, proativo e solidário.

A instituição investigada tem como metodologia, conforme descrição em seu site, quatro fases fundamentais: “aprender a ser”, “aprender a conviver”, “aprender a aprender” e “aprender a fazer”. A metodologia está ligada à moda enquanto conceito e tem como objetivo o desenvolvimento de habilidades ligadas a inteligência socioemocional, capacidade de criação e inovação. Dentro da Fashion Teen, acredita-se que a evolução da criança funciona como um ciclo virtuoso; dentro desse ciclo há pilares a serem construídos como: inteligência de vida, criatividade e inovação, saúde e imunidade e cidadania global. Esses pilares, quando são trabalhados em conjunto das modalidades ofertadas, desenvolvem habilidades que refletem diretamente na criança, sendo o maior objetivo da instituição, as relações sociais e familiares, autoconhecimento, virtudes e a vida escolar, e com essas habilidades vão se

desenvolvendo a autoestima, equilíbrio emocional, respeito, cooperação, responsabilidade, concentração, etc. (Fashion Teen, Quem somos, s.a, s.p).

As modalidades ofertadas na Fashion Teen têm suas habilidades a serem desenvolvidas de acordo com a necessidade daquela criança, sendo assim, quando os pais chegam para contratar este serviço, é sempre questionado para eles o que se espera do espaço, se a criança precisa potencializar alguma habilidade específica, se está com dificuldade de socialização em outros ambientes e quais as expectativas futuras, e as respostas costumam ser parecidas, tendo como objetivo melhorar a socialização, timidez, oratória, autonomia, etc.

Esse é o caso da criança, que aqui iremos chamá-la de Laura<sup>1</sup>, para manter a sua identidade em sigilo. A Laura tem 10 anos e quando entrou na Fashion Teen sua mãe relatou diversos acontecimentos que a mesma não conseguia realizar, coisas que para uma criança de sua idade já deveriam estar acontecendo de forma natural, pois seguindo a linha de pensamento de Piaget (1973) em relação as fases do desenvolvimento, as crianças possuem certas fases para adquirirem determinados sentidos e conhecimentos, sendo elas: sensório motor, pré-operacional, operações concretas e operações formais, visto isso, a Laura já passou pelo estágio pré-operacional que vai dos 2 aos 6 anos, estando no processo do estágio operações concretas que se designa dos 6 aos 11 anos, onde a criança, de acordo com Piaget, já consegue formar operações lógicas, já entende que seu ponto de vista não é único, consegue entender diferentes características e busca sempre uma validação sobre o que as pessoas pensam sobre suas ideias. (QUEIROZ, 2008).

Visto isso, Corsaro (2011) que foi um dos primeiros a pesquisar sobre a cultura da infância, apresentou que o período infantil nessa perspectiva linear, é um conjunto de várias fases de desenvolvimento, que não acontece de maneira individualizada e sim um processo cultural e coletivo, onde habilidades, emoções e conhecimentos são adquiridos

---

<sup>1</sup> Nome fictício, considerando com o que demarcam Monteiro, Raimundo e Martins (2019, p. 158) quando pontuam sobre anonimato em pesquisa: “num dispositivo experimental, no qual os sujeitos são, de alguma maneira, apagados para dar lugar aos fenômenos que emergem “independentes” daqueles que se submetem ao dispositivo, o que conta na pesquisa são as frequências deste fenômeno. Os dados são computados estatisticamente e o que importa são as variáveis que põem em jogo as relações de causa e efeito. Os sujeitos seriam uma espécie de “suporte” descartável. Neste sentido, os nomes não teriam nenhum valor, a não ser negativo, por “pessoalizar” algo que seria de ordem impessoal. Em outras palavras, o nome não teria valor algum para o experimento porque não importa quem esteve lá, os fenômenos são lidos como algo desconectado daqueles que o produzem e são legitimados justamente porque são passíveis de generalização. Entra em cena aqui a ideia de análise em metodologia, uma vez que é possível parciaisar os corpos e considerar apenas um dado isolado do mesmo”.

de forma que prepare, posteriormente, para a vida adulta. Com isso, Corsaro (2011), também afirma que as crianças são agentes sociais, criativos e ativos, e que através das interações que estabelecem com outros grupos e com os contextos que estão inseridos, produzem suas próprias culturas infantis, logo, contribuindo com a produção da sociedade.

Com isso, a mãe da Laura buscou a Fashion Teen, acreditando que seria um ambiente que conseguiria quebrar aos poucos os seus medos e melhorar a sua socialização, pois, de acordo com a mãe, ela só conseguia brincar com uma prima mais nova, e isso acabou atrapalhando também no seu ambiente escolar, pois a mesma não conseguia criar vínculos, não conseguia fazer amizades, demonstrava ter medo de realizar certos movimentos, e o mais importante, não conseguia realizar as atividades propostas em grupo ou atividades físicas.

Há seis meses, a Laura entrou na Fashion Teen apresentando essas dificuldades e, desde o momento de sua entrada, houve um grande movimento da equipe dos professores para entender as suas limitações e dificuldades, assim como conversas constantes com a família para encaminhar melhores atividades e observar de perto o que conseguimos evoluir e o que não conseguimos, e para relatar isso de uma melhor maneira, foi solicitado aos professores do Espaço Criativo, pela pesquisadora, que abordasse sobre as dificuldades iniciais da Laura e depois o seu desenvolvimento. Nesse sentido, tem-se o relato da professora de Ginástica:

Então, a Laura chegou muito tímida, com muita dificuldade de socialização e dificuldades motoras também. Na parte motora a coordenação motora grossa era a mais prejudicada, onde ela não conseguia correr, pular, saltar intercalando os pés, dificuldade de apoiar as mãos no chão, e também não conseguia ficar de joelhos. Com essas dificuldades, fui trabalhando de forma exclusiva com ela para melhorar cada dificuldade. Hoje a Laura já corre sem ser acompanhada por um adulto, consegue realizar 3 tipos de saltos intercalando os pés, e também a socialização dela melhorou muito, onde já aceita fazer aulas em duplas ou até em grupos. (PROFESSORA DE GINÁSTICA, 21/07/2022).

É possível, nesse momento, cotejando a fala da professora de Ginástica com o que pondera Gohn (2006), de que “há na educação não-formal uma intencionalidade na ação, no ato de participar, de aprender e de transmitir ou trocar saberes”, nesse sentido, a educação informal “opera em ambientes espontâneos, onde as relações sociais se desenvolvem segundo gostos, preferências, ou pertencimentos herdados” (GOHN, 2006, p. 20). A professora de Ginástica não diz como foi “trabalhando de forma

exclusiva” para Laura superar suas dificuldades, todavia, é possível aventar que essas intervenções se deram durante técnicas de saltos, como menciona, além de estarem integradas às relações que foram desenvolvendo. Na fotografia a seguir é possível observar um desses momentos em que Laura tinha encontros exclusivos com a professora de Ginástica, como a mesma menciona em seu relato.

Imagem 1- Laura fazendo aula de Ginástica



Fonte: Acervo da pesquisa, 20/07/2022

Em uma conversa com a professora de dança e teatro, os resultados da Laura também foram positivos. A professora de dança observou que ela está mais falante desde que chegou, desafia os próprios movimentos e interage mais prontamente para com as outras crianças, percebendo um retorno positivo também dos colegas em relação a Laura. Logo a professora de teatro, que teve mais dificuldade de inseri-la em suas atividades de início, devido à sua timidez e dificuldade de trabalhar em grupo, também percebeu um avanço muito significativo dela nas aulas. Como a mesma manifesta:

A Laura chegou na minha aula como uma criança extremamente tímida e não se sentia à vontade para participar de nenhuma atividade, nem mesmo do aquecimento. Então eu conversei com ela e disse para ela fazer as atividades apenas quando se sentisse confortável. Todas as aulas eu a convidava para fazer o aquecimento. Sempre com atividades que todas as crianças faziam (como pique pega, queimada maluca, a raposa e as galinhas), para ela ter uma interação maior com a turma. Com o tempo, depois que elas estavam participando de todos os aquecimentos, fui pedindo para que ela fizesse as atividades teatrais propostas também. Sempre me ofereci pra fazer com ela, pra dar mais segurança a ela. Ela não quis de primeira, principalmente porque eram apenas duas pessoas em cena. Percebendo isso, resolvi colocar atividades em que grupos fossem separados (ex: dividia a turma em dois grupos e escolhia quem ia fazer parte de qual grupo), dessa forma ela começou a ter uma participação nas atividades. Primeiro ficava no canto sem

talar nada e depois começou a se sentir mais confortável e falar durante as

^^

ceias. O trabalho com ela segue caminhando, à medida que ela ganha mais confiança e perde a timidez, ela se propõe a fazer diferentes atividades. (PROFESSORA DE TEATRO, 25/07/2022).

De acordo com Cortazzo e Vieira (2007), a ludoeducação vem ganhando notoriedade dentro dos espaços educativos, visto que é uma educação através de brincadeiras e descontração. Com isso, é possível trabalhar conceitos importantes, visto que a aprendizagem se dá através da participação da criança, de uma forma que, para eles, seja divertido, por meio de jogos e brincadeiras que estimulem o relacionamento entre as crianças, o relacionamento entre o professor e a criança e até mesmo o desenvolvimento emocional, algo que é possível ser observado através das modalidades de Teatro, onde a professora foi trabalhando atividades em grupo e adaptando a aula para que a Laura conseguisse participar de forma ativa e colaborativa.

Imagem 2- Laura fazendo a atividade de Teatro em dupla



Fonte: Acervo da pesquisa, 18/07/2022

Em um retorno, dado pessoalmente à pesquisadora, a mãe da Laura relata que a filha teve um avanço muito positivo dentro do espaço escolar formal, conseguindo se relacionar mais ativamente com a turma, mas que o maior avanço dela, desde que entrou na Fashion Teen, foi começar a realizar atividades com mais confiança. Hoje a Laura demonstra ter menos medo das atividades do cotidiano, já se desafia mais dentro das atividades físicas e a timidez, apesar de ser algo característico de sua personalidade, hoje ela sabe lidar com esse sentimento de forma mais tranquila. A mãe deixou claro

que todos os dias são processos diferentes e que a filha ainda precisa se desenvolver mais, mas que percebe que houve uma mudança muito significativa na vida da Laura.

É possível perceber que todos esses avanços da Laura foram tratados de acordo com a metodologia da Fashion Teen, para assim alcançar os objetivos postos pela família desde o princípio, visto isso, ao analisar a fala das professoras, percebe-se que o comportamento dos profissionais é diferente, pois é viável em um espaço como esse, em situações como a da Laura, fazer um atendimento individualizado, trabalhar dentro do tempo da criança, assim como afirma Severo (2015):

A ENE se relaciona com o paradigma de aprendizagem ao longo de toda a vida, de modo que representa ações que prolongam os tempos e os espaços de formação e autoformação, com base em necessidades contextuais dos sujeitos e das comunidades, atuando como mecanismo catalisador da articulação de saberes diante de necessidades emergentes nas esferas das sociabilidades humanas e do trabalho. (SEVERO, 2015, p. 266).

Segundo Cordazzo e Vieira (2007), a hora do intervalo ou o momento que as crianças possuem para brincar de forma livre, é uma oportunidade para elas estabelecerem amizades, pois é através das brincadeiras que criamos vínculos com nossos pares, e a amizade pode, posteriormente, auxiliar na comunicação, socialização e nas atividades propostas em sala. Com isso, com a fotografia a seguir, pode-se analisar que a Laura está em um momento de descontração com uma colega, e nesses casos, de acordo com os autores, a brincadeira pode ser utilizada como um estímulo para os processos de desenvolvimento e aprendizagem, preparando a criança para outras aprendizagens que anteriormente apresentaria dificuldades, no caso da Laura, a socialização.

Imagem 3- Laura brincando com sua amiga.





Fonte: Acervo da pesquisa, 18/05/2022

Sobre as relações que as crianças estabelecem, Barbosa (2007) afirma que a interação social entre as crianças e seus pares é uma forma de constituir suas características pessoais e sociais. Sendo assim, de acordo com a autora, a observação dada pelas crianças em relação ao adulto, seja realizando tarefas ou por meio de jogos e brincadeiras, vão criando possibilidades para que elas possam criar suas próprias opiniões e formas de compreender o mundo que as cercam.

Com isso, segundo Corsaro (2011), quando as crianças passam a deixar seus ambientes familiares e começam a fazer atividades com outras crianças, realizando produções coletivas com diferentes culturas de pares, essa relação passa a ser tão importante quanto as relações com os adultos, portanto o autor pondera que as influências emocionais e interpessoais são resultados da interação e relação anteriormente estabelecida pelos familiares, e isso afeta diretamente o relacionamento das crianças com seus pares, o seu desenvolvimento e até as suas opiniões sobre as amizades.

Hoje podemos perceber a Laura mais ativa em suas interações, ainda apresenta um pouco de dificuldade em manter relações de amizade, porém percebe-se que não há mais um bloqueio por parte da mesma, hoje ela consegue brincar e conversar com crianças da sua idade, consegue verbalizar o que quer, o que gosta e não gosta. Como foi dito anteriormente, é um processo novo todos os dias, tanto para os professores

..

como para a família, mas trabalhando em conjunto e por um período maior, é possível obter melhores resultados e pequenos avanços diariamente.

## Considerações Finais

De modo geral, o presente trabalho permite refletir as relações entre interação, brincadeiras e linguagens em espaços não formais de educação, com o intuito de apresentar como esses espaços não escolares podem ser importantes na vida das crianças, como forma de melhorar a socialização, trabalhar habilidades emocionais e rotineiras. A educação não formal é uma área de novos conhecimentos, aprendizados e saberes que emerge da pedagogia tradicional e formal.

Com isso, a educação não formal, enquanto objeto de pesquisa, é uma temática fundamental de importante debate dentro do curso de Pedagogia, pois de acordo com Gohn (2010), é necessário compreender conceitos mais amplos de educação, conceitos das quais não estamos acostumados a ouvir e diferente do habitual, e nos processos políticos pedagógicos que compõem o saber pedagógico e a formação dos indivíduos. Falar sobre educação não formal está ligado a três pontos importantes; o primeiro deles é compreender o conceito e seu campo de atuação, juntamente com os diferentes tipos de repertórios e as práticas educativas. Segundo ponto de importante destaque, é compreender o papel do educador social – o profissional, o pedagogo que atua na educação não-formal, e que este por sua vez auxilia na construção da cidadania. E o terceiro e último ponto na compreensão dos fatos sobre a educação não formal são os espaços associativos ligados a ela tais como: movimentos sociais, redes associativas civis, fóruns e conselhos de gestão compartilhada, ONGs, museus, etc.

Além disso, é importante saber diferenciar e identificar o que são espaços formais, não formais e informais e quais práticas são realizadas dentro de cada um desses espaços, para entender a importância de todos eles e de como seus métodos educativos acontecem, sendo fundamental frisar que ambos os espaços não devem ser vistos como rivais ou competidores entre si, e sim que podem se complementar em suas diferentes formas de atuar na educação, e portanto a necessidade de maior qualificação profissional, principalmente dentro do curso de Pedagogia.

É importante aqui ressaltar que esse trabalho não tem o intuito de desmoralizar os espaços formais de educação, e sim apresentar os benefícios da educação não formal para a vida pessoal de cada criança, visto que por meio dela existe uma liberdade em seus métodos educativos e também uma forma diferente de aprender. Deste modo, fica

mais fácil de atender as particularidades de cada um e trabalhar em cima das suas dificuldades.

A educação não formal é importante para desenvolver habilidades que a educação formal não oferece para os alunos, neste contexto, as escolas podem ser grandes aliadas do métodos não formais, considerando o fato de serem complementares através de suas modalidades com atividades lúdicas, propostas diferentes e o mais importante, com intencionalidade pedagógica.

Com isso, pode-se refletir a respeito das escolas, principalmente as públicas, visto que há uma defasagem social maior em relação aos espaços e escolas privadas, a importância dessa instituição oportunizar atividades complementares aos seus alunos, contribuindo positivamente para a sua formação e construção de conhecimento, trazendo atividades de culinária, musicais, robótica, atletismo e muitos outros citados aqui ao longo desse trabalho.

Deste modo, através dessa pesquisa, é possível perceber essas relações que surgem dentro do âmbito não escolar e resultados reais estudados e vivenciados pela pesquisadora, apresentando como essas percepções entre a interação e a brincadeira geram ações diferentes nas crianças, relacionando com autores que foram muito importantes para concluir esse estudo.

Com a observação aqui realizada, pode-se perceber que a criança estudada obteve um avanço muito positivo, tanto na realização de atividades quanto emocionalmente. Essa parte do estudo foi de extrema relevância para mostrar como a educação não formal se dá em seus vários aspectos, seguindo a proposta do local e de suas atividades, sendo levado em consideração as suas particularidades e sendo possível trabalhar individualmente as suas dificuldades.

Por fim, a intenção deste trabalho é ser aprimorado de forma contínua e profissional. A educação não formal e as suas várias possibilidades em campos de atuação, faz com que pedagogos que amam ensinar, mas que não se identificam com ambientes formais de educação, tenham um leque de opções no mercado de trabalho, assim como afirma Gohn (2010) e Pirozzi (2014) ao longo do artigo, apresentando as várias áreas que o pedagogo pode atuar e salientando a importância dos espaços não escolares, e não se restringindo o curso de Pedagogia apenas as instituições formais. A intenção é poder aprimorar mais ainda as ideias sobre esses ambientes em uma futura pós-graduação e agregar positivamente para quem também possui interesse nessa área.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Culturas escolares, culturas de infância e culturas familiares: As Socializações e a escolarização no entretecer destas culturas. IN: **Educ. Soc, Campinas**, v.28, n.100- Especial, p.1059-1083, out.2007. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em 17/07/2022

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Etapa Educação Infantil. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#infantil>>. Acesso em: 18 de jul. 2022.

BRASIL. **Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394/1996. Edição atualizada até março de 2017. Disponível em: <[https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei\\_de\\_diretrizes\\_e\\_bases\\_1ed.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf)>. Acesso em Junho de 2022.

BRASIL. **Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica**. Diretrizes curriculares nacionais para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEB, 2010.

CORDAZZO, Sheila Tatiane Duarte; VIEIRA, Mauro Luís. A brincadeira e suas implicações nos processos de aprendizagem e de desenvolvimento. **Estud. pesquis. Psicol**. Rio de Janeiro, v.7, n. 1. 2007.

CORSARO, William A. **Sociologia da Infância**. 2. ed., Porto Alegre: Artmed, 2011

FASHION TEEN. Quem somos. Disponível em: <https://www.fashionteen.com.br/sobre/> Acesso em Julho de 2022.

FILHO, Altino José Martins. Olhares investigativos sobre as crianças: o brincar e a produção das culturas infantis. **Momento**, Rio Grande, 19 (1), 2010, p. 89-104.

FREIRE, Paulo. 1996. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo. Editora Paz e Terra.

GIUSTA, Agneta da Silva. Concepções de aprendizagem e práticas pedagógicas. **Educação em Revista**, v. 29, n. 1, p. 17-36, mar. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/y9JvZV8HZRFN3XtvJ8vf9Rk/?lang=pt>. Acesso em: Agosto de 2022.

GOBBI, Márcia. Múltiplas linguagens de meninos e meninas e a educação infantil. In: **Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento – perspectivas atuais**. Belo Horizonte, novembro, 2010.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: Aval.pol.públ.Educ**. 2006, vol.14, n.50, pp. 27-38.

GOHN, Maria Gloria da. **Educação Não Formal e o Educador Social**. Editora Cortez. 2010.

GONÇALVES, Josiane P. CORREA, Ana Maria. O pedagogo em âmbitos não escolares: perspectivas, entraves e possibilidade de atuação em empresas. **Rev. Educ. PUC-Camp.**, Campinas, 21(2):193-209, maio/ago., 2016 Disponível em: <https://seer.sis.puccampinas.edu.br/seer/index.php/reeducacao/article/download/2821/288>. Acesso em agosto 2022.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos para quê?** 12.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos: Inquietações e buscas. Texto de conferência escrito para o **2º encontro Cearense de Educadores**, promovido pelo OfinArtes – Centro de Assessoria Pedagógica, Fortaleza, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/xrmzBX7LVJRY5pPjFxxQgnS/?format=pdf>. Acesso em: Julho de 2022.

MONTEIRO, Ana Claudia Lima; RAIMUNDO, Maria Paula Borsoi; MARTINS, Bárbara Gerard. A questão do sigilo em pesquisa e a construção dos nomes fictícios. **Psicología, Conocimiento y Sociedad**, vol. 9, núm. 2, pp. 157-172, 2019 Universidad de la República. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/4758/475861379008/html/>. Acesso agosto de 2022.

PIROZZI, Giani Peres. Pedagogia em espaços não escolares: qual é o papel do pedagogo? **Revista Educare**, CEUNSP, n.2, v.1, 2014. Disponível em: <https://docplayer.com.br/amp/403088-Pedagogia-em-espacos-nao-escolares-qual-e-o-papel-do-pedagogo-pedagogy-in-non-scholar-places-what-is-the-role-of-the-educator.html>. Acesso em: Agosto de 2022.

POLANCZYK, Guilherme. Pandemia é responsável por cerca de 36% dos casos de depressão em crianças e adolescentes. *Jornal da USP, Faculdade de Medicina, São Paulo*, 13/10/2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/pandemia-e-responsavel-por-cerca-de-36-dos-casos-de-depressao-em-criancas-e-adolescentes/> Acesso julho 2022.

QUEIROZ, Elaine Moral .**Teorias da aprendizagem**. São Paulo: Universidade Nove de Julho, 2008.

RODRIGUES, Olira Saraiva. Políticas Públicas Educacionais de Espaços Não Formais de Educação. **Revista Anápolis Digital**, 2013. Disponível em: <https://portaleducacao.anapolis.go.gov.br/revistaanapolisdigital/wp-content/uploads/2013/03/Olira-Rodrigues.pdf>. Acesso em: Julho de 2022.

SÁ, Ricardo Antunes de. Pedagogia: Identidade e formação - O trabalho pedagógico nos Processos Educativos Não-Escolares. 22ª. **Reunião da ANPED/Debate – Pedagogia: identidade e formação**, em Caxambu – MG/setembro de 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/whtVxwyZw6V3w7KLTZj863q/?lang=pt>. Acesso em: Julho de 2022.

SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima. Educação não escolar como campo de práticas pedagógicas. **Rev. bras. Estud. pedagog.** (*online*), Brasília, v. 96, n. 244, p. 561-576, set/dez. 2015.

SMOLE, Kátia Stocco; DINIZ, Maria Ignez; CÂNDIDO, Patrícia. Matemática de 0 a 6: brincadeiras infantis nas aulas de Matemática. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000a.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. A formação social da mente: desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7 ed. In: COLE, Michael; JOHN- STEINER, Vera; SCRIBNER, Sylvia e SOUBERMAN, Ellen. (orgs). Trad. José Cipolla- Neto, Luiz Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

## APÊNDICES

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Senhores (as),

Sou orientanda do Curso de Pedagogia, realizado pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília e estou realizando um estudo sobre “Interação, brincadeira e linguagens: as experiências possibilitadas às crianças em um espaço não escolar”, e gostaria de contar com a colaboração de vocês. Este estudo poderá fornecer subsídio para um estudo e pesquisa de atuação do pedagogo formado na Universidade de Brasília, em ambientes não formais.

Esclareço que a participação no estudo é voluntária. Você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar e isso não acarretará qualquer prejuízo a você. Asseguro-lhe que sua identificação não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone (61) 9 9248-8348, ou no endereço eletrônico beatrizsilva04@gmail.com. Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato. Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente,

-----  
Beatriz Helena Rodrigues da Silva- Orientanda da UnB

Assinatura participante: \_\_\_\_\_

FASHIONTEEN E  
FASHIONCAMPUS  
CURSOS

LTDA:13596308000193

Assinado de forma digital por:  
FASHIONTEEN E FASHIONCAMPUS  
CURSOS LTDA:13596308000193  
Data: 2022.07.26 08:02:24 -03'00'  
Versão do Adobe Acrobat:  
2019.008.20069



Questionário Google Forms:<sup>2</sup>

- 1) Qual a sua idade?
- 2) Qual seu gênero?
- 3) Quanto tempo trabalha em espaços não escolares?
- 4) Qual a sua formação acadêmica?
- 5) Quais as principais atividades realizadas na sua instituição que possibilitam a interação entre as crianças e os adultos?
- 6) O que você entende por educação não escolar?
- 7) Quais as principais atividades realizadas em sua modalidade para criar interação entre as crianças?
- 8) Como docente atuante em espaços não escolares que linguagem utiliza com as crianças?

---

<sup>2</sup> Questionário disponível em: [https://docs.google.com/forms/d/1VNDIaxS\\_j-4dgJuT1t5PuQMp7Rb0pFYKQS4SZ7nfHU/edit?usp=drivesdk](https://docs.google.com/forms/d/1VNDIaxS_j-4dgJuT1t5PuQMp7Rb0pFYKQS4SZ7nfHU/edit?usp=drivesdk)

